



# O Business 20 (B20) como mais um fórum político para a classe capitalista transnacional

*Business 20 (B20) as another political forum for the transnational capitalist class*

*Business 20 (B20) como otro foro político para la clase capitalista transnacional*

Pedro Henrique Schneider Parreiras<sup>1</sup>

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2023v20n1p2-10

*Recebido em: 19 de março de 2021  
Aprovado em: 13 de setembro de 2023*

## Resumo

*O presente estudo objetiva discutir se o Business 20 (B20), um fórum derivado do G20, vem se consolidando na última década como mais um fórum para elite corporativa global. Para tal é mobilizada a análise de redes sociais para construir uma rede de relações entre os principais fóruns políticos globais.*

**Palavras chaves:** *B20, fóruns políticos globais, classe capitalista transnacional.*

## Abstract

*This study aims to discuss whether Business 20 (B20), a forum derived from the G20, has consolidated itself in the last decade as another forum for the global corporate elite. To this end, the analysis of social networks is mobilized to build a network of relationships between the main global political forums.*

**Keywords:** *B20, global policy groups, transnational capitalist class.*

## Resumen

*Este estudio tiene como objetivo discutir si Business 20 (B20), un foro derivado del G20, se ha consolidado en la última década como un foro más para la élite empresarial global. Para ello, se moviliza el análisis de las redes sociales para construir una red de relaciones entre los principales foros políticos globales.*

**Palabras clave:** *B20, foros políticos globales, clase capitalista transnacional.*

<sup>1</sup> Professor substituto do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG. Doutor em Sociologia pela UFMG, mestre em Relações Internacionais pela PUC Minas. E-mail: phs.parreiras@hotmail.com

## Introdução

Nas últimas décadas se intensificou o debate acerca da emergência de uma classe capitalista em âmbito internacional, um processo que ganha novos contornos com a globalização neoliberal. Para alguns autores (Robinson; Harris, 2000; Robinson, 2005; 2010; Harris, 2003) a globalização seria uma nova fase no capitalismo, marcada pela emergência de uma classe capitalista transnacional (CCT) e pelo processo de transnacionalização do Estado (ETN). Nesta perspectiva o aparato do Estado transnacional vem sendo mobilizado pela CCT para a intensificação dos processos globalizantes. Dentre as várias instituições e organizações que compõem o ETN, destacamos os fóruns políticos globais, espécies de *hubs* para a elite corporativa global que ajudam na formulação de consenso em torno de variantes do discurso neoliberal, no tocante que reúnem várias vezes ao longo de um ano, diretores corporativos e interesses capitalistas oriundos de várias partes do mundo. (Carroll; Carson, 2003). Exemplos de fóruns notórios são: Fórum Econômico Mundial, Bilderberg e a Comissão Trilateral.

Para lidar com a crise de 2008, o G20 – deixado de lado desde o final da crise asiática – reformulou-se em cúpula de líderes. Parte desta reformulação foi a intensificação do diálogo com o setor privado – grandes instituições financeiras, corporações transnacionais e pequenas e médias empresas das principais economias emergentes. Este movimento dá origem ao B20 (*Business 20*), um fórum que vem se institucionalizando desde 2010 para garantir que os interesses do setor privado sejam pautados pelo G20. Reunindo milhares de diretores anualmente em diversas atividades em temáticas que variam da regulamentação do setor financeiro ao emprego, o B20 tem conseguido levar suas demandas aos principais lí-

deres mundiais com sucesso. (Ramos; Parreiras, 2019). Diante da importância dos fóruns políticos privados e da crescente institucionalização do B20, a seguinte pergunta mostra-se relevante: o B20 pode ser considerado como mais um fórum político global da elite corporativa transnacional? Para tentarmos responder a tal questão nos valem da análise da rede relacional obtida através do compartilhamento de diretores/participantes entre o B20 e outros fóruns já consolidados na literatura nos anos de 2010 e 2017.

O trabalho está organizado da seguinte forma: primeiro estabelecemos o referencial teórico. Na sequência apresentamos as principais características do B20. Em seguida partimos para análise da rede relacional dos fóruns, apresentando os dados obtidos. Por fim faremos nossas considerações finais.

## **Classe capitalista transnacional (CCT), estado transnacional (ETN) e os fóruns políticos globais**

Com a intensificação dos processos aglutinados sob a alcunha de “globalização” a partir da década de 1970, os debates em torno da emergência e consolidação de uma classe capitalista em âmbito internacional ganham novo fôlego. O foco passa a ser um processo transnacional de formação de classe capitalista. (Robinson; Harris, 2000). Este processo deve ser entendido como histórico, remontando ao próprio processo de internacionalização do capital, um processo que gradativamente vai se expandindo para além dos circuitos de produção do Atlântico Norte e vai englobando segmentos das burguesias nacionais e burocracias estatais de vários países. (Pijl, 1998; Gill, 2003).

Em termos analíticos, a CCT seria composta, de acordo com Robinson e Harris

(2000), pelos proprietários e controladores do capital transnacional, ou seja, os donos e gerenciadores dos principais meios de produção mundiais – as corporações transnacionais e as instituições financeiras privadas. Gill (2003) acrescenta também ao bloco, parte dos principais políticos e funcionários públicos dos países centrais capitalistas e de parte dos países menos desenvolvidos. Por sua vez, Sklair (2000) sistematiza quatro frações ou grupos interligados no interior da CCT. Seriam eles os seguintes: 1) proprietários e controladores (executivos) das corporações transnacionais e suas filiais locais - a fração corporativa; 2) burocratas e políticos globais - a fração estatal; 3) profissionais globais - a fração técnica; 4) comerciantes e a mídia - a fração consumidora. A existência de uma quinta fração é apontada por Harris (2003), constituída pelo complexo industrial/militar.

A CCT estaria no centro da tentativa de construção de um bloco histórico em âmbito transnacional. O bloco seria composto por forças econômicas e políticas guiadas pelos processos de acumulação e produção voltados para o transnacional, constituindo assim, o “bloco globalista”. (Robinson; Harris, 2000). É importante perceber este bloco como um projeto de hegemonia<sup>2</sup> transnacional; mas, um projeto que ainda está incompleto e é alvo de contestações. (Robinson, 2005).

Esta CCT instrumentalizou o aparato de Estado Transnacional (ETN), “[...] uma rede frouxa composta de instituições políticas e econômicas inter e supranacionais, juntamente com aparatos de estado nacionais que foram penetrados e transformados por forças transnacionais, e ainda não adquiriu (e podem nunca adquirir)

qualquer forma centralizada.” (Robinson, 2010, p.10). As instituições do ETN buscam coordenar o capitalismo global, assim como garantir a expansão capitalista para além das fronteiras nacionais através de um sistema legal e regulatório supranacional construído ao longo das últimas décadas – corporificado em organizações internacionais e fóruns políticos globais – com o intuito de garantir a manutenção e reprodução da economia global (Robinson, 2010).<sup>3</sup>

Dentro do aparato ETN destacamos os fóruns políticos globais. Estes fóruns são espécies de *hubs* para a elite corporativa global, atuando para forjar “[...] visões estratégicas e morais, assim como as políticas, informando os interesses capitalistas transnacionais.” (Carroll; Carson, 2003, p. 31). Sendo assim, os fóruns de formulação de política fazem parte do aparato do Estado transnacional, no qual a economia global é decidida (Harris, 2013), ajudando na criação de consenso em torno de variantes do discurso neoliberal. (Carroll; Carson, 2003). Em síntese, “[...] são agências de liderança política e cultural, cujas atividades são parte integrante da formação de uma classe capitalista transnacional.” (Carroll; Carson, 2003, p. 53).

Empiricamente, estes fóruns são importantes para a rede corporativa global, que por sua vez é utilizada como indício da formação de uma CCT. As diversas reuniões destes grupos contribuem para aproximar os diretores e executivos das principais corporações mundiais, integrando-os em uma elite corporativa. Em resumo, os fóruns políticos globais “[...] fornecem um *núcleo duro* politicamente e socialmente ativo para a rede corporativa global [...]” (Carroll, 2010:192), atuando como pontos de integração na estrutura de poder corporativo global. (Carroll, 2010).

2 Tanto a noção de bloco histórico como a de hegemonia mobilizadas remetem à tradição gramsciana em Relações Internacionais. Para mais detalhes sobre estes conceitos ver Morton (2007).

3 O conceito de ETN mobilizado por Robinson (2010) é derivado diretamente do conceito de internacionalização do Estado de Cox (1981).

Os principais fóruns políticos globais apontados pela literatura – e que serão utilizados neste trabalho – são os seguintes: o grupo Bilderberg, a Comissão Trilateral (CT), a Câmara Internacional de Comércio (CIC), o *UN Global Compact* (UNGC), o Fórum Econômico Internacional (FEM), o *Council on Foreign Relations* (CFR), e o *World Business Council For Sustainable Development* (WBCSD).

Diante destas discussões, nosso argumento é de que, inicialmente de um ponto de vista teórico, o B20 pode ser compreendido como mais um ponto de integração para a elite corporativa global, um fórum que ainda não foi considerado como importante na rede corporativa global, mas que pode estar contribuindo – em conjunto com os demais fóruns – para a formação de uma classe capitalista transnacional. A seguir trataremos das principais características do B20 que nos levaram a tal argumento.

## O B20

O B20 (Business 20) surge de um processo de expansão de atividades do G20 oriunda de sua reformulação inerente à crise financeira de 2008. Esta expansão envolve o fortalecimento do diálogo com setores da sociedade civil e do setor privado. Dentre os vários grupos de diálogos<sup>4</sup> que surgem desta expansão de atividades, o B20 destaca-se pela sua crescente atuação junto às cúpulas anuais do G20. (Ramos; Parreiras 2019). O B20 realizou o seu primeiro encontro oficial em 2010, na Cúpula de Toronto. De lá até aqui, o fórum organizou mais onze encontros oficiais, sendo o último no ano de 2020 organizado em Riade, Arábia Saudita, reunião realizada via vídeo conferência devido a pandemia global. Em

cada um dos encontros é produzido um documento contendo recomendações do setor privado aos líderes do G20. Estas recomendações encontram respaldo no próprio G20, no tocante em que várias recomendações acabam sendo incorporadas na própria declaração dos líderes do Grupo dos 20. (Ramos; Parreiras 2019).

O B20 organiza-se em torno de forças tarefas que procuram dialogar com a própria agenda de discussões estabelecidas pelo G20 para a cúpula anual. O número de executivos envolvidos nas discussões do B20 vem aumentando consideravelmente, passando de mais de uma centena representando 119 empresas e organizações na Cúpula de Seul, para centenas de executivo representando 547 empresas e organizações na Cúpula de Hamburgo. Geralmente as reuniões do B20 recebem o apoio direto dos grandes sindicatos de empresas e câmaras de comércio do país que está a sediar as reuniões, além do contarem com o envolvimento direto da Câmara Internacional de Comércio (CIC) e de grandes empresas de consultoria. (Ramos; Parreiras 2019).

No geral não há uma regra clara de representatividade no B20, como um número específico de executivos por país membro do G20, por exemplo. Mas existem alguns padrões. Primeiro o país que está a sediar a cúpula do G20/B20 é o que possui mais empresas/organizações – sediadas em seu território – representadas nas discussões do B20. Segundo, o pertencimento oficial ao G20 não garante ao país uma representatividade no B20. Terceiro, as empresas/organizações sediadas nos países do Atlântico Norte são as mais comuns dentre as empresas representadas nas discussões do B20, mas há uma crescente presença das empresas sediadas na Ásia, principalmente China, Índia e Coreia do Sul.<sup>5</sup> (Ramos; Parreiras 2019).

<sup>4</sup> Existem mais cinco grupos de diálogo com o G20: Civil 20, Think 20, Labour 20, Youth 20 e o Women 20.

<sup>5</sup> Aqui estão descritas apenas as características gerais do B20. Para mais detalhes ver Ramos e Parreiras (2019).

Desta forma, ao longo de mais de uma década, o B20 vem se consolidando como um importante ponto de interação entre elites locais e regionais com as elites centrais do capitalismo. Diante destas características do B20 e diante das discussões teóricas em torno da importância dos fóruns políticos internacionais para os processos de uma CCT e de um ETN, é possível propor a seguinte hipótese: H1 – o B20 está consolidando-se como um fórum político global inserido na rede corporativa global, tornando-se assim, mais um locus para a formação e consolidação de uma CCT, ou seja, revela-se como parte integrante do aparato do Estado Transnacional.

## O B20 na rede de fóruns privados

Para verificarmos a hipótese levantada acima, realizaremos uma análise da rede de relações do B20 com os outros sete fóruns políticos globais citados anteriormente. Esta rede de relações é estabelecida através do compartilhamento de participantes em comum entre os fóruns. Ou seja, se dois fóruns possuem o mesmo participante é criado um link entre eles. Para construir esta rede levantamos os dados referentes aos participantes do B20 e dos outros sete fóruns para os anos de 2010 e 2017. Estes dados foram obtidos através de documentos oficiais e websites oficiais das organizações. Os anos foram selecionados com base na disponibilidade de dados, tendo em vista a dificuldade de se obter dados públicos acerca de alguns fóruns. Inclusive, a CIC foi inserida apenas na rede de 2017 devido à ausência de dados para este fórum em 2010. Estes dados nos permitiram construir duas redes de relações entre os fóruns,

uma para 2010 e uma para 2017. Estas redes foram elaboradas através de matrizes de adjacências geradas e analisadas através do *software Ucinet* (Borgatti; Everett; Freeman, 2002), o qual também foi utilizado para a elaboração dos grafos (imagens) das redes e os cálculos das métricas de centralidade. Os dados obtidos sobre os fóruns e seus participantes estão sumarizados na Tabela 1.

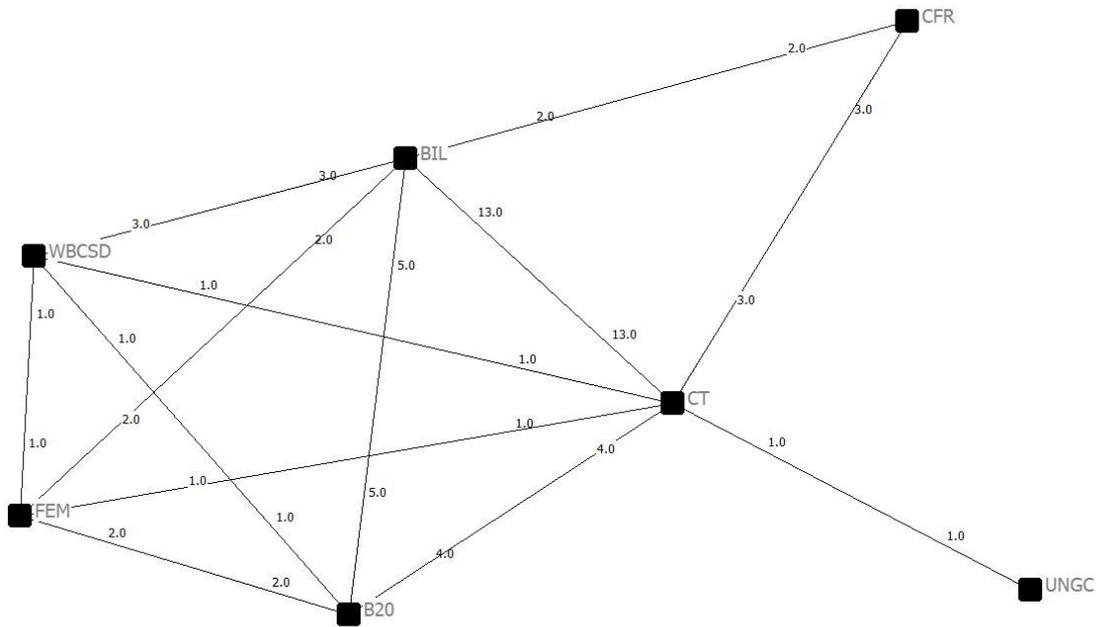
Tabela 1 - Os Principais Fóruns Políticos Globais e o Número Respetivo de Participantes/Diretores em 2010 e 2017.

FÓRUM	Nº 2010	Nº 2017
Bilderberg	124	130
Comissão Trilateral (CT)	223	433
Câmara Internacional de Comércio (CIC)	-	6
Fórum Econômico Mundial (FEM)	66	77
UN <i>Global Compact</i> (UNGC)	10	15
<i>Council on Foreign Relations</i> (CFR)	31	54
<i>World Business Council For Sustainable Development</i> (WBCSD)	15	16
B20	105	1320

Fonte: Elaborado pelo autor.

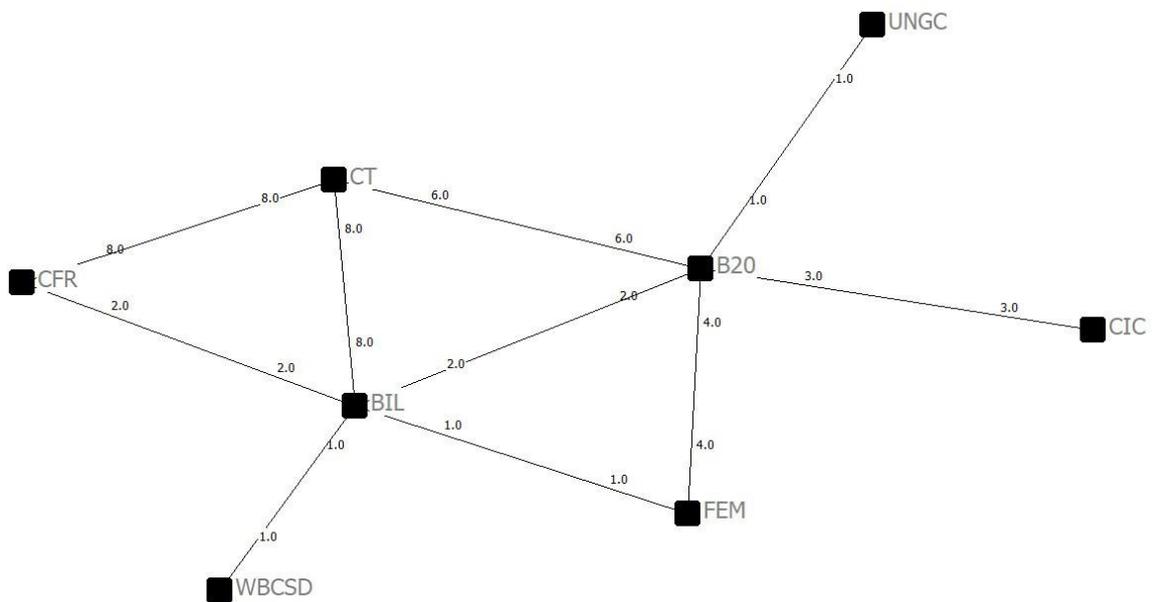
Com base nos grafos (Imagem 1 e Imagem 2) podemos fazer algumas inferências iniciais. Tanto em 2010 quanto em 2017 o B20 está interligado direta e indiretamente aos demais fóruns políticos globais. Em 2010 o B20 possuía 5 links com Bilderberg, 4 links com a CT, 2 com o FEM e 1 com o WBCSD. Em 2017 os links foram: 6 com a CT, 4 com o FEM, 3 com a CIC, 2 com Bilderberg e 1 com o UNGC. De um ponto de vista quantitativo é possível afirmar que com o passar dos anos desde a sua fundação, o B20 ficou cada vez mais integrado a rede de fóruns privados, aumentando tanto o seu número de links – 12 para 16 – quanto o número de relações diretas com outros fóruns – 4 para 5.

Imagem 1 - Rede dos Fóruns Internacionais em 2010



Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagem 2 - Rede dos Fóruns Internacionais em 2017



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outro dado importante são os *linkers*, ou aqueles indivíduos que estabelecem os links entre os fóruns. Com base e na Tabela 2, podemos perceber que de maneira geral, tanto a rede 2010 quanto a de 2017, são constituídas por *small linkers*, ou seja, aqueles diretores/participantes que interligam apenas 2 fóruns. Em 2010 havia apenas um *big linker* (interligando 4 fóruns ou mais) que interligava o B20 a outros 3 fóruns: Bilderberg, CT e WBCSD. No mesmo ano, dos 3 *mid linkers* (diretores/participantes que interligam 3 fóruns) 1 participava do B20; e dos 24 *small linkers*, 8 interligavam o B20 a outros fóruns. Em 2017 dos 2 *mid linkers*, 1 interligava o B20 a outros dois fóruns (CT e Bilderberg) e dos 29 *small linkers* 13 eram membros do B20. Diante destes dados conseguimos perceber que parcela considerável dos *linkers* das redes de fóruns políticos globais integram o B20.

Tabela 2 - Linkers

	2010	2017
<b>Small linkers</b>	24	29
<b>Mid linkers</b>	3	2
<b>Big linkers</b>	1	-
<b>Total</b>	28	31

Fonte: Elaborado pelo autor.

No presente estudo é de grande interesse a centralidade dos fóruns na rede de relações. Um ator é muito central em uma rede quando ele está engajado em muitas relações. (Lazega; Higgins, 2014). Para avaliarmos a centralidade dos atores na rede de fóruns privados, iremos utilizar três medidas: centralidade de grau (*degree*), centralidade de proximidade (*closeness*) e a centralidade de intermediação (*betweeness*) – apresentadas na Tabela 3. A centralidade nos é cara, pois, estudos já demonstraram que os fóruns privados de formulação de política são importantes para a rede corporativa global atuando

como intermediadores na rede de diretores das principais corporações mundiais. (Carroll; Carson, 2003; Carroll, 2010). Desta forma, acreditamos que a análise da relação do B20 com os demais fóruns e de sua centralidade na rede de relação com estes, é um importante indicativo de que ele também pode ser considerado como mais um ponto de integração na estrutura de poder corporativo global.

A simples medida da centralidade de grau (*degree*) dos nodos – que indica o número de arcos incidentes sobre o nodo - já nos revela importantes informações sobre a rede dos fóruns políticos globais. Em 2010 os três fóruns com maior centralidade de grau eram: Bilderberg com 32% do total de arcos da rede incidindo sobre ele; CT com 29% e o B20 com 15%. Já em 2017 os três fóruns ainda são os mais centrais, contudo a uma mudança substancial nos valores. A CT passa a ser o fórum mais central da rede com 39% do total de arcos da rede incidindo sobre ela; enquanto o B20 agora aparece como o segundo fórum mais central com 28%; seguido de Bilderberg com 25%. O aumento da centralidade de grau do B20 entre 2007 e 2010 é expressiva, tendo o score praticamente dobrado. Outro fórum que apresentou um aumento vertiginoso em sua centralidade de grau foi o CFR, que praticamente triplicou seu score, tornando-se o quarto fórum com a maior centralidade de grau da rede.

A centralidade de proximidade (*closeness*) indica a proximidade de um ator com relação aos demais atores da rede, revelando a rapidez ou facilidade com que um ator interage com os demais; tendo em vista que esta medida, em síntese, é o número mínimo de passos (*clicks*) que o ator deve realizar para entrar em contato com os demais. (Lazega; Higgins,

2014). O score *closeness* varia de 0 a 1, sendo que 1 indica que o ator é adjacente a todos os outros. Em 2010 os fóruns com maiores scores de proximidade eram a CT com 1 – com ligações diretas com todos os outros fóruns da rede; Bilderberg com 0,85 e o B20, FEM e o WBCSD, os três com 0,75. Em 2017 os dois fóruns com maior centralidade de proximidade são o B20 e Bilderberg, ambos com 0,78, seguidos pela CT com um score de 0,63. Entre 2010 e 2017 o B20 passou a ser, ao lado de Bilderberg, o fórum com maior centralidade de proximidade, enquanto a CT reduziu a sua centralidade, não estando mais ligada diretamente a todos os fóruns.

Última dentre as medidas de centralidade mobilizadas para o estudo, a centralidade de intermediação (*betweeness*) advém do controle que um ator da rede exerce sobre dois outros atores. A ideia é que, quanto “[...] mais um ator se encontrar “no meio”, como ponto de passagem obrigatório por caminhos que outras pessoas devem tomar para se encontrar, mais central ele será [...]”. (Lazega; Higgins, 2014, p. 44). Em 2010 apenas a CT – 43,3 – e Bilderberg – 10,0 – intermediavam relações na rede. Já em 2017 o B20 também passa a intermediar relações na rede em conjunto com os outros dois fóruns. Além, o B20 passa a ser o fórum mais central na rede de um ponto de vista da intermediação, possuindo o maior *score*.

Tabela 3 - Índices de Centralidade

	Degree 2010	Degree 2017	Closeness 2010	Closeness 2017	Betweenness 2010	Betweenness 2017
<b>B20</b>	0.154	0.286	75.000	77.778	0	54.762
<b>BIL</b>	0.321	0.250	85.714	77.778	10.00	42.857
<b>CIC</b>	-	0.054	-	46.667	-	0
<b>CFR</b>	0.064	0.179	60.000	50.000	0	0
<b>CT</b>	0.295	0.393	100.00	63.636	43.33	7.143
<b>FEM</b>	0.077	0.089	75.000	58.333	0	0
<b>UNGC</b>	0.013	0.018	54.545	46.667	0	0
<b>WBCSD</b>	0.077	0.018	75.000	46.667	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões e análises apresentadas podemos concluir que a nossa hipótese “H1: o B20 está consolidando-se como um fórum privado de formulação de política inserido na rede corporativa global, tornando-se assim, mais um lócus para a formação e consolidação de uma CCT” foi em parte corroborada. Além de estar inserido na rede de fóruns internacionais, ligado direta e indiretamente através de membros em comum aos principais fóruns consolidados pela literatura, o B20 revelou-se

como um elemento importante na própria rede de fóruns internacionais. Desde o ano de fundação o B20 revela-se central na rede. O único *big linker* da rede de 2010, interligando 4 fóruns, também era um membro do B20. Em todas as medidas de centralidade para os dois anos analisados, o B20 encontra-se entre os três fóruns mais centrais. Em 2017, o fórum revela-se o principal – ao lado de Bilderberg - em termos de proximidade, estando interligado a quase todos os fóruns. Já em termos de intermediação, em 2017, o B20 revela-se como o fórum mais central da rede.

Se os fóruns políticos globais - como a CT e o FEM - podem ser apontados como parte integrante no processo formação de uma CCT, nos quais seus integrantes atuam em prol da estabilidade e reprodução do sistema capitalista e suas relações sociais; o B20, também pode ser apontado como um potencial novo lócus para a formação e consolidação de uma CCT. O compartilhamento de vários integrantes com os demais fóruns e a sua centralidade na própria rede dos fóruns internacionais, credenciam o B20 como mais um importante ponto de integração na estrutura de poder corporativo global. Contudo, comparado aos demais fóruns, o B20 ainda carece de institucionalização e status. Todavia, a sua presidência rotativa – acompanhando o G20 - o aproxima das comunidades de negócios locais e regionais, o que lhe confere a possibilidade de aproximar as elites dos centros tradicionais das elites emergentes.

De qualquer forma, os pontos levantados no presente trabalho ainda carecem de maiores estudos, principalmente acerca do próprio papel do B20 na rede corporativa global. Ainda assim, é possível apontarmos que há indícios de que o B20 vem adquirindo importância similar aos demais fóruns privados de formulação de políticas.

## REFERÊNCIAS

- BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet for Windows**: Software for Social Network Analysis. Harvard: Analytic Technologies. 2002.
- CARROLL, Willian K. **The Making of a Transnational Capitalist Class**: Corporate Power in the 21st Century. Londres: Zed Books, 2010, p. 273.
- CARROLL, Willian; CARSON, Colin. The network of global corporations and elite policy groups: a structure for transnational capitalist class formation? **Global Networks**, v. 3, n.1, p. 29-57, 2003.
- COX, Robert W. Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory. **Millennium**, v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.

- GILL, Stephen. **Power and Resistance in the New World Order**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2003, p. 238.
- HARRIS, Jerry.. The Conflict for Power in Transnational Class Theory. **Science & Society**, v. 67, n. 3, p. 329-339, 2003.
- LAZEGA, Emmanuel; HIGGINS, Silvio Salej. **Redes Sociais e Estruturas Relacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. p. 138.
- MORTON, Adam David. **Unravelling Gramsci**: Hegemony and Passive revolution in the Global Political Economy. Londres: Pluto Press, 2007, p. 254.
- PIJL, Kees van der. **Transnational Classes and International Relations**. Londres: Routledge, 1998, p. 196.
- RAMOS; Leonardo; PARREIRAS, Pedro Henrique Schneider. Social Forces and the International Political Economy after 2008 Financial Crisis: The Case of Business Summit 20 (B20). **Brazilian Political Science Review**, v. 13, n. 2, p. 1-29, 2019.
- ROBINSON, William I. Gramsci and Globalisation: From Nation-State to Transnational Hegemony. **Critical Review of International Social and Political Philosophy**, v. 8, n. 4, p. 559-574, 2005.
- ROBINSON, William I. Global Capitalism Theory and the Emergence of Transnational Elites. **United Nations University**, n. 2, 2010.
- ROBINSON, William I; HARRIS, Jerry. **Toward A Global Ruling Class?** Globalization and the Transnational Class. 2000. Disponível em: < [http://www.net4dem.org/mayglobal/Papers/RobinsonHarris7\\_16.pdf](http://www.net4dem.org/mayglobal/Papers/RobinsonHarris7_16.pdf) >. Acesso em: 27 de Novembro de 2020.
- SKLAIR, Leslie. The transnational capitalist class and the discourse of globalization. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 14, n. 1, p. 67-85, 2000.